



fim, Bete Capinan é parceria minha de muitos anos, também apaixonada pelo Carnaval. Dos curadores, encabecei a coisa toda, mas os quatro traçaram o esqueleto do que deveria ter.

Você assina a curadoria de museus sobre pilares da história cultural baiana: o escritor Jorge Amado e o Carnaval de Salvador. Qual é a responsabilidade desses projetos?

É uma super-responsabilidade agregar essas questões. Juntar tudo e pensar como vou dar o balanço de cada coisa para que todo mundo se sintam presentes. As importâncias devem ser equilibradas. O olhar externo ajuda porque todo lugar que chego sou o gringo [risos]. Como sou estrangeiro em qualquer lugar, essa abor-

dagem me ajuda a ver as coisas de fora. Quando você já está dentro, tem amigos, escolhas internas. Isso não significa afirmar que o olhar externo diz qual é o melhor modo de ser feito. O que faço é reunir as coisas e balanceá-las. Para mim, funciona demais. Não posso ser parcial. O que conta são os elementos da própria história, o desenvolvimento das sociedades, além dos valores éticos e de luta. É importante ter em mente que estamos contando a história de um povo. O Carnaval, por exemplo, foi inventado pelas ruas. Os artistas são tradutores de uma coisa muito maior. Por isso, nesses projetos, é também preciso se associar a pessoas que também tenham visão humanística. Uma visão global de sociedade e transformação. Ca-

da museu, cada história que você faz é uma maravilha porque aprende tudo. E vê as ligações entre os acontecimentos. Meu papel de curador é apresentar: “Olha esse negócio aqui, veja como o Brasil mudou depois do Ilê Aiyê”.

Numa sociedade rodeada por redes sociais, como os museus se manterão relevantes?

Papel de museu é mostrar que cultura pode ser diversão. Quando você faz um museu, precisa pensar que caminho seguirá para fazer com que ele seja divertido para as pessoas, seja lúdico. Esse até que era mais fácil. No caso do Carnaval, só colocar uma sala com música que todo mundo vai dançar [risos]. O museu, hoje em dia, precisa ser interativo. Sempre penso com foco no adolescente. O museu é para todo mundo, mas os adolescentes têm que adorar. Se gostarem, temos aí o legado perpetuado. O jovem vai ficar com aquilo na cabeça, enquanto os mais velhos já estão indo, entendeu? Eles fizeram seu papel, é importante que gostem, só que o mais significativo é que quem vai continuar leve esse conhecimento. Qualquer museu tem que agradar uma criança, ali na faixa dos 13 anos. Às vezes, ela vai acompanhando o irmão maior, e os pais acham a experiência legal porque os filhos gostaram. Claro que também vai ter conteúdo legal para os adultos, mas a linguagem tem que ser para o jovem.

Sua trajetória incorpora múltiplas linguagens artísticas, principalmente a partir do boom audiovisual nos anos 1980. Como essas mudanças tecnológicas foram vividas por você?

Quando eu estava me formando na universidade, aconteceu essa explosão visual no mundo, com computadores e vídeos. Por sorte, vivi esse momento sendo um artista visual. Na época, eu cursava arquitetura, mas também desenhava, criava capa de discos, fazia cenário de teatro. Aí, o pessoal falava: “Você é multimídia”. Hoje em dia essa palavra nem existe mais, já que todo mundo é multimídia. Mas era o começo da coexistência de várias linguagens visuais. Comecei a trabalhar com tesoura e cola, de repente, tinha um computador. Tive que largar aquilo para começar a recortar e montar digitalmente. Nos anos 1980, nasce a vontade de experimentar linguagens novas. Então, fui fazendo vídeo, editando, dirigindo coisas, trabalhando em várias coisas diferentes. Fui